

A CRIANÇA E A ESCOLA NA LITERATURA BRASILEIRA

XAVIER, Nubea Rodrigues

Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD
Integrante do Grupo de pesquisa ‘Educação e Processo Civilizador’/FAED/UFGD
nubeaxavier@hotmail.com

SARAT, Magda

Profª Dra. da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
Coordenadora do PPGedu em Educação e Coordenadora do Projeto Bi Nacional entre a UBA e
a UFGD no Programa CAFB-BA (CAPES-SPU).
Líder do Grupo de pesquisa "Educação e Processo Civilizador".
magdaoliveira@ufgd.edu.br

Resumo

Este artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado concluída¹ que tem como base as teorias de Norbert Elias, a partir do caráter civilizador da escola e do tempo que visa compreender a infância e a escola brasileira por meio de uma análise bibliográfica e literária das obras de “Menino de Engenho” de José Lins do Rego e “Infância” de Graciliano Ramos. A pesquisa busca as percepções de infância e escolarização da criança em meados dos séculos XIX e XX, compreendendo o “tempo escolar” como uma característica de normatização de regras, normas e preceitos escolares.

Palavras-chave: Criança, Literatura, e Tempo Escolar.

Resumen:

Este artículo es un fragmento de la investigación de maestría concluida² se basa en las teorías de Norbert Elias, desde el carácter civilizador de la escuela y el tiempo que tiene como objetivo comprender las escuelas brasileñas y de una literatura y el análisis literaria de las obras de "Niño del Engaño" José Lins do Rego y "Niñez" Graciliano Ramos. La investigación busca percepciones de la infancia y la escolarización del niños en los siglos XIX y XX, incluyendo el "tiempo escolar" como característica de la normalización de las reglas, normas y preceptos de la escuela.

¹ Pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD/MS/Brasil, intitulada: “Memórias de infância e da escola: uma perspectiva literária” sob a orientação da professora Dra. Magda Sarat da linha de pesquisa História Memória e Sociedade.

1. Pesquisa realizada en el ámbito del Programa de Posgrado en Educación de la Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD/MS/Brasil, titulada: “Memórias de infância e da escola: uma perspectiva literária” bajo la supervisión de la profesora Dra. Magda Sarat de la línea de pesquisa Historia, Memoria y Sociedad.

Palabras clave: Niña; Literatura y Tiempo escolar.

1. Introdução

Desde o início da colonização brasileira, segundo Del Priore (2000), percebemos que as crianças estavam sempre juntas aos adultos. Com o surgimento da instrução escolar, tem-se uma nova configuração para a infância. A criança é direcionada a uma situação de distanciamento de rotina dos adultos e de situações de precocidade, no que tange à sexualidade, às emoções, às situações naturais da vida, como, o nascimento ou a morte. Inicia-se assim, um período de individualização entre crianças e adultos.

Em finais do século XIX, as famílias não estavam acostumadas à organização dos tempos da escola e à obrigatoriedade das aulas, gerando permanentes desentendimentos com os pais ou responsáveis. A escolaridade foi sendo posta como uma possibilidade de inserção na sociedade, ficando a cargo do Estado a permanência das crianças nas escolas. Com os grupos escolares, há uma preocupação com a estrutura organizacional dos espaços e tempos escolares, compatibilizados com o cotidiano das famílias, de forma, a reestruturar o cotidiano das mesmas.

No início do século XX, percebe-se que as relações de poder entre Estado e movimentos políticos tinham a escola como mote central, dessas relações. Nesse processo, o tempo da infância passa a se relacionar com as questões de autoridade, com novas formas de comportamento. Somente nos últimos anos do século XX é que se iniciou uma preocupação com as peculiaridades da criança, constatando a sua percepção da criança como um ser distinto. A escola atua como uma referência de civilização, formalizando e sistematizando a condição de infância e de criança, estabelecendo “códigos identificadores como: ser obediente, comportada, ser bom filho, ser bom aluno e frequentar a escola” (LOPES *et al* 2007, p. 44).

A escola foi ganhando forma e estrutura de legalização desse distanciamento entre as fases adulta e infantil; a instrução que era feita, inicialmente, num ajuntamento de adultos no ambiente familiar, passa para a divisão de idades, somente com crianças separadas por faixas etárias e, posteriormente, adequadas de acordo com suas características psíquicas.

Analisando as formas simbólicas da instituição escolar, verificamos que a instrução da criança e, paulatinamente, a regulação dos seus instintos infantis, incidem na privatização das emoções e de seus impulsos pela normatização dos comportamentos existentes na escola, conforme nos explicita Elias “[...] quanto mais apurado e multifacetado é o controle dos instintos, exigidos pelo correto desempenho dos papéis e funções adultos, maior se torna a distância entre o comportamento dos adultos e o das crianças”. (ELIAS, 1994a, p. 104).

O processo escolar acarretou uma mudança na estrutura familiar e no cotidiano das crianças. O tempo como categoria simbólica foi institucionalizado como o tempo escolar, as famílias não tinham o hábito de se organizarem para o início ou término das aulas, a sistematização e organização escolar impôs um novo ritmo à sociedade rural e urbana brasileira.

As regras de como se comportar, como sentar-se, como dirigir-se a uma autoridade, tomaram forma nos bancos escolares. Os comportamentos tornaram-se padronizados em ambiente escolar. As brincadeiras, os hábitos trazidos do seu cotidiano familiar não possuíam importância naquele ‘novo espaço’. O aprendizado estava relacionado aos castigos físicos ou as recompensas. A escola, a preceptora, o mestre-escolar ou professor, para a criança, representavam a extensão do cumprimento de regras e normas.

Dessa maneira, o processo escolar brasileiro aumentava a lacuna entre o comportamento natural das crianças e o costume exigido dos adultos, legitimado pela escola, formalizando assim, um maior período de preparação para a idade adulta. De tal modo, a infância foi, processualmente, sendo prolongada pelo tempo de preparação desta criança para o seu convívio com os adultos, sacralizado pelo tempo escolar.

2. A civilização da infância brasileira: a criança- aluno

De acordo com Elias, a criança participa e interage em suas relações com as próprias crianças, e com os adultos de maneira, que aos poucos vai sendo modelada e inserida na sociedade, por meio das contenções de emoções e regras de civilidade.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

Essas regras e preceitos de convívio social perpassam, de forma preponderante, pelo processo de escolarização, do qual, as práticas escolares e a relação pedagógica são formas de modelação da criança às normas e condutas sociais.

Tal afirmativa, pode ser observada, a partir dos períodos históricos do cotidiano escolar brasileiro, em que denotamos uma mudança de uma educação familiar para uma educação de grupos de alunos, com uma organização disciplinar, uma homogeneização de idades, um maior controle do tempo, assim como na organização dos espaços, na aplicação de regras e incorporação de castigos. A educação da criança recai numa sistematização de tempo, em que Elias expõe o seguinte:

Numa sociedade, o conceito de tempo não é objeto de uma aprendizagem, em sua simples qualidade de instrumento de uma reflexão destinada a encontrar seu resultado em tratados de filosofia: ao crescer, com efeito, toda criança vai-se familiarizando com o “tempo” como símbolo de uma instituição social cujo caráter coercitivo ela experimenta desde cedo. (ELIAS, 1998, p. 14)

Se verificarmos a inserção da criança na formação da escola brasileira, podemos visualizá-la dentro de uma circunstância de um tempo cronológico e sistemático, de práticas disciplinares voltadas aos castigos, a violência e a contenção de vergonha.

Na literatura brasileira, há diversas obras memorialísticas e autobiográficas que representam o imaginário infantil e, conseqüentemente, a escola, por meio das relações entre criança/aluno, e professor.

No estudo de *Infância*³, de Graciliano Ramos, observamos a preocupação da criança com as horas de aprendizagem, com as sofríveis e incompreensíveis lições diárias. Além disso, o medo de não conseguir aprender a lição e apanhar dividia espaço no raciocínio da criança aflita.

³ Na obra *Infância* de Graciliano Ramos de 1945, o contexto histórico e social descrito é a passagem do século XIX ao XX, no interior dos estados de Alagoas e de Pernambuco. O autor narra um período de mudanças na sua família que foge da seca, e expressa no texto a passagem de uma economia agrária, - baseada no cultivo da cana de açúcar - para um período de ascensão do café, surgimento da pequena indústria e do comércio que caracteriza as transformações do início do século XX.

Nas memórias de *Menino de engenho*⁴, de José Lins do Rego, o tempo perdido nas horas da lição era algo que o menino não compreendia, já que poderia estar se divertindo, sem regras e pessoas para controlá-lo.

Quando propomos, analisar as obras literárias, buscamos uma compreensão sobre o tratamento dado pelo adulto à criança em ambiente escolar e como essas relações implicavam diretamente na modelação desta criança na sociedade. O processo civilizador determinado pela escola não se fazia, somente, pelas relações entre adultos e crianças, mas pelo tempo dispensado para o aprendizado, pelas normas, regras e pelas práticas disciplinares impostas às crianças, em lugar das brincadeiras. Além da mudança, dos comportamentos desregrados e/ou selvagens, para um comportamento adequado e cortês.

3. A representação da Escola e a institucionalização do tempo escolar

Graciliano Ramos inicia a representação da escola de acordo com a perspectiva da criança ver o mundo, com a dimensão que ocupa no espaço, de maneira pequena, com um tamanho reduzido; tal possibilidade, pode ser vista no primeiro capítulo ‘Nuvens’, pela forma que retrata o tamanho da sala, do pátio e da barba do velho professor que conduzia a sala de aula:

Achava-me numa vasta sala, de paredes sujas. Com certeza não era vasta, como presumi. Contudo pareceu-me enorme. Defronte alargava-se um pátio, enorme também, e no fim pátio cresciam árvores enormes, carregadas de pitombas.[...]A sala cheia de gente. Um velho de barbas longas dominava uma negra mesa, e diversos meninos, em bancos sem encostos, seguravam folhas de papel e esgoelavam-se: - Um *b* com *a* - *b,a:ba*; um *b* com um *e* - *b,e:be*. Assim por diante, até u.[...] Tudo é bem nítido, muito mais nítido que o vaso. Em pé, junto ao barbado, uma grande moça, que para o futuro adquiriu os traços de minha irmã natural, tinha nas mãos um folheto e gemia: - *A,B,C,D,E*.

⁴ Na obra ‘Menino de Engenho’ escrita em 1932 por José Lins do Rego, percebe-se o declínio dos senhores de engenho e de um regime político, social e econômico que historicamente afeta os adultos e repercute nas crianças no modo como aparecem na obra. O romance apresenta em meio às mazelas do mundo dos adultos uma criança que vive num contexto de grande diversidade étnica e cultural, representada por um regime escravocrata. Em meio a conflitos étnicos, as relações familiares oscilam entre afetividade e autoritarismo. Todos estes elementos vão ajudar a constituir a percepção da criança que sai do espaço familiar para a escola.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

A grandiosidade e o tamanho exagerado do ambiente escolar retratavam a imaginação do menino, ao ter que adentrar num mundo de adultos, feito para as crianças. As carteiras, o quadro, a sala, os materiais didáticos e o professor eram como ‘gigantes em terra de anões’. Tudo na escola se mostrava estranho e diferente para a ótica infantil.

Enfim, a autobiografia de Graciliano nos propicia a imagem de uma escola castradora e severa em que se impunham às crianças amarras, austeridade e incompreensão. O autor, ao se colocar como criança, nos apresenta junto de sua infância, e no seu lugar da criança, que, de momentos de liberdade, de repente, se vê *machucada, comprimida*:

A escola era horrível – e eu não podia negá-la, como negara o inferno.[...]Trouxeram-me a roupa nova de fustão branco.Tentaram calçar-me os borzeguins amarelos: os pés tinham crescido e não houve meio de seduzi-los. Machucaram-me, comprimiram os ossos.[...] ^ ~ barbas do professor eram imponentes, os músculos do profê 73 deveriam ser tremendos. [...]“– e eu me deixara arrastar, moie e resignado, rês infeliz antevendo o matadouro. (Idem, p. 119)

O processo de alfabetização da perspectiva da criança Graciliano, demonstra o quanto as emoções relacionadas ao medo e a vergonha foram implacáveis sobre o seu aprendizado. O tempo, simbolizado pelas horas intermináveis de aprendizagem com o pai, impõe à criança a sua dificuldade de adaptação por um tempo que a criança, ainda, estava aprendendo a compreender.

As lições tomadas em conjunto com a palmatória, conduziam o menino a uma incompreensão sobre a severidade do aprender e de se adequar a esse novo momento em sua vida, representado pela escola. Os códigos instituídos durante o seu processo de aprendizado impunham medo e vergonha. O relógio, o uniforme, o livro, a palmatória eram elementos simbólicos que formalizavam o modelo civilizador escolar.

A obra de José Lins do Rego nos retrata uma imagem menos castradora da escola, em relação à obra de Graciliano.

A escola rural de engenho de José Lins era aquela que oferecia a possibilidade de endireitar, consertar, corrigir a criança. Na maioria dos capítulos a escola é referenciada como uma forma de correção e de adequação da criança às normas dos

adultos: “ Menino só endireita no colégio – era como todo mundo julgava essa cura milagrosa. Com pouco mais voltava a ser os mesmos diabos de antigamente”. (Idem, p.108)

O menino Carlos nos oferece uma representação de escola, daquele período histórico, com professores despreparados, sem métodos pedagógicos, sem formação e, acima de tudo, sem condições adequadas de aprendizado. A incompreensão e sofrimento do menino aparecem simbolicamente pelos elementos do tempo (dispensado às lições e na sala de aula), e dos métodos e castigos utilizados pelos professores. Apesar de não sofrer com os castigos, ao ver como as outras crianças eram castigadas, acabava por adquirir receio e medo, não praticando os mesmos atos. O processo de aprendizado moldava as crianças a um determinado padrão de escola, além de não oferecer interesse e motivação.

Assim, a imagem da escola apresenta-se como uma instituição que, apesar de rigorosa e ineficaz, tem o poder de preparar os meninos para a vida, independentemente de classe social. Todas as crianças estavam sujeitas à sua normatização e adequação aos parâmetros existentes no árido nordeste brasileiro.

Considerações finais

Compreendemos que no longo processo histórico das infâncias brasileira, ocorreu um procedimento de individualização da criança, separando-a do convívio constante do adulto e a colocando em diferentes tempos e espaços escolares, destinados, exclusivamente, à criança.

No caso desta investigação, compreendemos que o processo civilizador escolar apresenta-se com grande intensidade nas obras literárias, *Infância* de Graciliano Ramos e *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego.

Constatamos que o medo, a ansiedade, a incompreensão acerca das práticas pedagógicas dispostas aos personagens/meninos é algo que ocorria, repetidamente, durante as memórias dos autores. A utilização de palmatórias, dos castigos físicos e morais, eram características de concretização da escola, enquanto local de rigor e de normatização de regras. As crianças/personagens apresentavam-se machucadas,

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

comprimidas, amortizadas, incompreendidas, nem tanto pela violência física, utilizada pelos professores, mas pela necessidade de adaptação ao ambiente escolar.

A escola passa a ser representada como um local de amarras e sofrimento. O primeiro dia de aula sugere um ritual fúnebre. Primeiro, o pequeno corpo que deve ajustar-se ao uniforme escolar, depois, a chegada à escola, em seguida, a postura correta na cadeira, e ainda, ser e agir de acordo com o que o mestre desejava.

Os meninos-personagens inserem-se numa ambiguidade, ao mesmo tempo em que não se sentem parte daquele processo, deverão ajustar e enquadrar-se nele. Em *Infância* temos clara, essa percepção: “A escola era horrível – e eu não podia negá-la, como negara o inferno.[...]” (RAMOS, 2009, p. 119)

Para os adultos-personagens, a escola aparece como aquela que ‘endireitará a criança’, consertará os seus instintos selvagens, a colocará em consonância com a perspectiva adulta e a preparará para as cobranças do mundo. Não há, tanto nas obras em referência, de Graciliano e José Lins, como nas demais analisadas, uma apresentação da escola como uma possibilidade positiva à criança, mas sim um sobrepeso sobre ela, uma responsabilidade e uma cobrança de modificação da criança, do seu estágio ‘natural’ ou ‘selvagem’, para outro civilizado.

Em *Infância e Menino de engenho*, o tempo demonstrado nas obras literárias traz a incompreensão da criança, pelo tempo imposto à alfabetização. O que para elas era só um período compreendido entre dia e noite, entre o brincar e o dormir; nas obras, podemos perceber o quanto o tempo instituído para aprender foi algo que os incomodou, os impossibilitando de ter liberdade.

Avançando na análise sociológica, podemos dizer que, para Elias, toda criança ao nascer pode ser muito diferente, mas será na sociedade que esta criança se modificará e se tornará mais complexa.

Vivemos numa rede de relações, em que as pessoas interagem continuamente, de maneira que a criança não poderia ficar de fora dessa interdependência, participando, produzindo socialmente e culturalmente, seja pelas suas relações familiares ou sociais, já que ela necessita da adaptação do adulto, para inserir-se na sociedade.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

Acreditamos que tanto adulto quanto a criança intervenham em seu meio. O adulto, por sua vez, desempenhando um controle muito mais intenso sobre a criança, do que propriamente, o inverso. A coibição e a modelação do adulto interferirão nos instintos e emoções naturais das crianças, imprimindo nelas, a marca social e cultural de um determinado período, grupo e contexto.

Para Elias, o processo de autocontrole do comportamento social e individual, avança de acordo com a civilização, percebendo assim a distância que vai surgindo entre o adulto e a criança, em períodos de vida diferentes, de maneira que, as crianças vão aprendendo, tais mudanças, através das regras e proibições, existentes nas suas relações sociais.

Tal possibilidade pode ser observada nas situações mais diversas de seu cotidiano. Contudo, podemos destacar dois elementos cruciais neste processo: o caráter civilizador familiar e escolar. A família, por se tratar da vivência da criança, e por ser nesse espaço que ela vai crescer e se desenvolver, sendo moldada de acordo com os padrões sociais. E, a escola, por ser o local de formalização do seu aprendizado familiar, em consonância com os saberes escolares, necessários para o seu desenvolvimento enquanto sujeito social.

Ao contextualizar a literatura, em conformidade com a história da criança e da escola, observamos que o processo de distanciamento do adulto para com a criança e individualização da mesma, proposto por Elias (1994), ocorreu, principalmente, pelo tempo de aprendizado dela na escola, tornando-se um tempo e espaço diferenciado, com práticas e ações diversificadas à infância.

As crianças saíram de uma condição de cuidados familiares, quase exclusivamente adultos, e passaram a ser direcionadas a um ambiente de convivência com e para as crianças. A escola foi imprescindível na separação entre adulto/criança, intensificando uma elaboração de uma criança mais civilizada, num processo intenso e coercitivo de suas pulsões/emoções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*, Rio de Janeiro, L T C Editora, 1981.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

CARLI, S. *La memoria de la infancia: estudios sobre historia, cultura y sociedad*. Buenos Aires, Paidós, 1990.

_____, S. *Niñez, pedagogía y política. Transformaciones de los discursos acerca de la infancia en la historia de la educación argentina entre 1880 y 1955*, Buenos Aires, UBA/Miño Dávila editores, 2002.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*, Lisboa, DIFEL, 1990.

ELIAS, N. *O processo civilizador: formação do Estado e Civilização*, Rio de Janeiro, Zahar, vol 2, 1993^a.

_____, *O processo civilizador, uma história dos costumes*, Rio de Janeiro, Zahar, vol,1, 1994a .

_____, *A sociedade dos indivíduos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1994 b.

_____, *Sobre o tempo*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

GOUVEA, M. C. S. de, *A escrita da história da infância: periodização e fontes*, Rio de Janeiro, Vozes, 2009.

LOPES, A., FARIA FILHO, L. M. de; FERNANDES, R, *Para a compreensão histórica da infância*, Belo Horizonte, Autêntica, 2007.

KAPLAN, C., Victoria O. *Poder, Práticas Sociais y Proceso Civilizador, Los usos de Norbert Elias*, Buenos Aires, Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2009.

RAMOS, G. *Infância*, Rio de Janeiro, Editora Record, 2009.

VEIGA, C. G. *As crianças na história da educação*. en: SOUZA, Gisele de, *Educar na infância, perspectivas histórico-sociais*, São Paulo, Contexto, 2010.

XAVIER, N. R. (2011), *Memórias de infância e da escola: uma perspectiva literária*. Dissertação de Mestrado. Dourados/MS. UFGD.

**II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS,
SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”**

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

_____, N. R.; SARAT, M.. *Infância, literatura e processo civilizador*. IN: SARAT, Magda; SANTOS, Reinaldo dos (orgs). *Sobre processos civilizadores: diálogos com Norbert Elias*. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

_____, N. R.; SARAT, M. *Infância e educação civilizadora na literatura brasileira*. *Revista Acta Scientiarum*. Eduem: Maringá, vol 32, n.1, 221-231, jan-jun, 2010.